

# Adolescentes, Pares e Família. Que Cumplicidades?

ESTELA FABIÃO<sup>1</sup>

Centro de Saúde do Cartaxo

## Resumo

O autor aborda a família, enquanto sistema ameaçado no seu equilíbrio, interessando conhecer a sua rede relacional e de compreensão em famílias de adolescentes de 16 anos, assim como (re)conhece o papel que os pares ocupam no mundo juvenil especialmente na área «expansiva ou ociosa» e de «comunicação efectiva».

**Palavras-chave:** Adolescentes, Família, Pares, Compreensão, Relação, Convivialidade.

## Summary

The author talks about the family, as a system threatened in its equilibration, and gives importance to its relational and understanding net in families of sixteen-year-old adolescents, and also talks about the role that partners play in the world of young people, specaily in the «expansiveness or laziness» area and «communication or affection» one.

**Key-words:** adolescent, family, partners, understanding, relation, conviviality.

## 1. Introdução

A adolescência é um período de grandes mudanças, quer individuais, quer familiares, exigindo que o adolescente se separe da família para voltar a ligar-se-lhe no contexto de novas relações afectivas, período atravessado por tensões intrapsíquicas, intrafamiliares e intergeracionais<sup>(1)</sup>.

De etapa transitória, facilitada culturalmente por rituais iniciáticos, à vida adulta, a adolescência transforma-se numa fase longa do ciclo de vida, de estatutos e contornos indefinidos, onde as gerações envolvidas se disputam no afecto e na herança, separação penosa entre pais e filhos adolescentes<sup>(1)</sup>.

O desligar do indivíduo da autoridade dos pais é uma das mais necessárias, mas também uma das mais penosas realizações do desenvolvimento. É inteiramente necessário que se realize e devemos supor que todo o ser humano normal consegue, em certa medida, consumir essa separação.

Foi Freud<sup>(2)</sup> quem primeiro destacou a importância da Separação-Indivuação adolescente.

Ao longo da infância, através dos processos de imitação, introjecção, identificação (desde as identificações pré e pós-edípianas), a criança vai sobre a pressão do Super-Eu, internalizando uma imagem «assegurada» dos pais a que classicamente se chama Imago Paternal<sup>(3)</sup>.

A importância do luto dos Imagos Paternais e a escolha do objecto heterossexual é reforçada por Dias Cordeiro, que vê nessas tarefas dois organizadores do psiquismo adolescente, não podendo ocorrer o segundo sem a realização do primeiro.

Spitz<sup>(4)</sup> descreve que o conceito de organizador implica noções de êxito e fracasso. O luto no adolescente é fundamental para o curso normal da evolução.

Se o trabalho do luto não terminou, os afectos inicialmente ligados a figuras parentais interiorizadas permanecem idênticos e deverão ser utilizadas defesas adicionais contra esses afectos; daí resultará um mau funcionamento do Eu, bem como perturbações nas suas relações com o mundo<sup>(3)</sup>.

Dias Cordeiro<sup>(3)</sup> citando A. Freud descreve o «luto» na adolescência como «o esforço do indivíduo para aceitar um facto exterior – a perda do objectivo investido – e para realizar as correspondentes alterações no seu mundo interior». Isto é proceder ao desinvestimento libidinal

<sup>1</sup> Médica de Saúde Pública  
Mestra em Medicina Escolar pela Faculdade de Medicina de Lisboa.

do objecto perdido, ou seja, segundo Diatkine <sup>(5)</sup>, a reformulação de uma determinada imagem que o adolescente foi criando dos pais ao longo das relações mútuas.

A partir desta liquidação das imagens parentais passa a ser possível o estabelecimento de relações amorosas extra-familiares. Caso contrário, os novos objectos arriscam-se a não passar de uma simples repetição dos antigos laços infantis <sup>(3)</sup>.

No luto na adolescência «o Eu destaca-se do Super-Eu e o Super-Eu perde a sua eficácia», deixando o Eu sem um apoio sólido. Durante a adolescência, a renúncia dos laços objectais infantis arrasta a perda mais ou menos completa do conteúdo do Super-Eu – restrições, normas, ideias – intimamente ligados ao objecto paternal. Isto significa que o adolescente, não só se deve separar dos objectos de amor, mas também e sobretudo, de uma parte da sua personalidade <sup>(3)</sup>.

O adolescente terá que enfrentar o mundo dos adultos e desprender-se do seu mundo infantil o que, segundo Aberastury <sup>(6)</sup>, é o luto pelo corpo infantil, pelo papel e identidade infantis, pelos pais da infância e bissexualidade infantil.

Blos <sup>(7)</sup> ao sugerir que durante a adolescência tem lugar um segundo processo de separação-indivuação, reintroduz a perspectiva de Mahler na compreensão da autonomia adolescente, pondo a tónica na importância das relações de objecto.

Durante a adolescência, a vinculação da criança aos pais cresce mais fracamente.

Outros adultos podem vir a assumir importância maior ou igual à dos pais e a atracção sexual pelos pares entra em jogo.

O adolescente provoca uma verdadeira revolução no seu meio familiar e social e isto cria um problema de gerações nem sempre bem resolvido <sup>(6)</sup>.

Ocorre que também os pais vivem os lutos pelos filhos, precisando de fazer o luto pelo filho pequeno, pela sua identidade de criança e pela sua relação de dependência infantil.

A chegada dos filhos à adolescência e a concomitante despedida da sua própria mocidade colocam os pais ante a conforção com a mocidade da sua própria finitude.

Enquanto os filhos se projectam em direcção ao futuro onde habitam as suas expectativas, os pais agarram-se ao passado na vã tentativa de eternizar uma juventude remanescente.

A adolescência deve assim ser abordada numa dupla vertente, pois também os pais têm que desprender-se do filho criança e evoluir para uma relação com o filho adulto. Ao perder para sempre o corpo do filho criança, vê-se enfrentado com a aceitação do porvir, do envelhecimento e da morte.

Os pais vêm-se impedidos a aceitar a flutuação entre dependência – independência, refúgio na fantasia – afã de crescimento, aquisições adultas – refúgio em ganhos infantis e, se não conseguirem adaptar-se a estas oscilações,

os pais dificultam o trabalho do luto dos seus filhos no qual são precisos permanentes ensaios e provas de perda e recuperação.

O crescer do adolescente estaria pois incompleto, se não encarássemos a ambivalência e a resistência dos pais em aceitar o processo de crescimento.

Uma forte tradição psicanalítica extrapola assim para a adolescência uma problemática infantil fundamentalmente Edípiana. O mito Edípiano é um mito estruturante da relação entre gerações, por isso será como que uma produção ideológica que vai regular as relações entre gerações.

As mutações ao nível do ideal chamado «ideal do ego» estão na base psicológica do conflito de gerações e do acesso aos problemas da cultura, da ideologia.

Ao adquirir progressivamente mais autonomia, o adolescente estabelece com a sua família uma relação ecosistémica <sup>(8)</sup>, que é baseada em dependências que possibilitam, mas também condicionam, a sua independência relativa.

A forma como for estabelecida a relação familiar influencia a individualidade, isto é, o desenvolvimento e manutenção de outras relações de autonomia/dependência face à sociedade, nomeadamente educativas, técnicas e culturais.

Estamos perante a importância da relação familiar, relação com múltiplos aspectos e cujo cerne, para alguns, é a comunicação <sup>(9)</sup>.

Existe comunicação, segundo Flamert <sup>(10)</sup>, desde que haja troca de significação. Podemos assim considerar que todo o processo de grupo é um processo de comunicação.

Para haver comunicação não basta que a mensagem seja expressa. É necessário que seja compreendida, que haja um universo de referências comuns dos interlocutores.

A não comunicação infantil deixa sem apoio o adolescente e desenvolve o sentimento de que os seus pais não apreciaram o seu valor <sup>(11)</sup>.

O grupo de amigos surge como pilar fundamental na organização social do quadro de vida dos jovens, espaço de verdadeira socialização endogeracional, de partilha de valores e experiências comuns. A constituição de grupos de pares é um traço constante e distintivo do mundo juvenil.

O grupo de iguais é, segundo Bion <sup>(12)</sup>, a caixa de ressonância ou continente, para as ansiedades existenciais do adolescente. No grupo surge um clima propício ao intercâmbio e confronto de experiências que permite aos seus componentes uma melhor identificação dos limites entre o Eu e o Outro, através da compreensão das motivações conscientes e inconscientes dos diferentes modos de sentir, pensar e agir, favorecendo a resolução da crise de identidade, fulcro da problemática adolescente.

Há um processo de super identificação em grupo, pelo qual o adolescente se mostra inclinado, onde todos se

identificam com cada um. Às vezes, o processo é tão intenso que a separação do grupo parece quase impossível e o indivíduo pertence mais ao grupo de pares do que ao grupo familiar. O fenómeno grupal tem uma importância transcendental, já que se transfere para o grupo grande parte da dependência que anteriormente se mantinha com a estrutura familiar e com os pais especialmente.

O grupo constitui a transição necessária para o mundo externo para alcançar a individualização adulta.

É assim importante avaliarmos os jovens como grupo vivenciador de diferentes experiências e nos seus contextos quotidianos, porque é quotidianamente e no curso das suas interações que os jovens constroem formas sociais de compreensão, relação e entendimento.

## 2. Objectivos

O objectivo do estudo foi investigar a relação e compreensão dos adolescentes e pais, satisfação por viver em família, assim como conhecer a abertura relacional dos pais com os amigos dos filhos e reconhecer diferentes áreas de convivialidade dos jovens.

## 3. Material e Métodos

A população escolhida foram os adolescentes de 16 anos escolarizados no conselho do Cartaxo.

Porquê os de 16 anos?

Ultrapassada a fase inicial em que o adolescente está centrado em si, a fase média da adolescência (15-17 anos) no adolescente urbano escolarizado é caracterizada por uma luta pela independência emocional, uma preocupação por vezes excessiva face aos problemas do grupo e por crescente importância do grupo.

É a fase de desidealização da família e da idealização do grupo. É a fase durante a qual se partilham com o grupo múltiplas experiências, mas em que, como refere Blos, os principais problemas giram em torno da necessidade de se tornarem emocionalmente independentes dos pais.

Foram assim seleccionados 255 adolescentes escolarizados correspondendo a 96,3% dos adolescentes que frequentavam qualquer grau de ensino no ano lectivo de 1994/95, no Cartaxo.

As 240 mães e 218 pais dos adolescentes foram também objecto do estudo, estando os restantes ausentes por morte, emigração, doença ou por impossibilidade de localização do domicílio ou não anuência do adolescente.

O estudo que se desenvolveu foi um estudo transversal, tendo sido realizadas por questionário entrevistas individuais por 2 entrevistadores.

As entrevistas aos pais e mães nunca se realizaram simultaneamente, quer se realizassem na escola secundária ou preparatória, centro de saúde do Cartaxo ou domicílio dos próprios.

Os questionários dos adolescentes tinham 38 perguntas agrupadas em 4 domínios: demográfico, familiar, escolar e de convivialidade.

Os questionários dos pais tinham 8 perguntas agrupadas em 4 domínios: demográfico, familiar, escolar e trabalho.

Na população adolescente do estudo 51,4% (131) eram do sexo masculino, 48,6% (124) do sexo feminino, distribuindo-se do 5.º ao 11.º ano. Reprovaram pelo menos 1 vez 54,9% (140) dos adolescentes do estudo.

Vivem com os pais 89,8% dos adolescentes, 7,8% vive com um dos pais e 2,4% com outros familiares.

Residem na sede do concelho 49% dos adolescentes, distribuindo-se os restantes pelas outras freguesias (41%) e 10% nos concelhos limítrofes.

A moda da idade dos pais e mães é o grupo etário dos 41-50 anos, tendo apenas 20% dos mesmos o nível de instrução para além do 2.º ciclo. Os pais são maioritariamente activos e profissionais por conta de outrem, enquanto 36,5% das mães são domésticas e apenas 0,8% das mães e 2,4% dos pais pertencem ao grupo dos quadros superiores e profissões liberais e especialistas de profissão técnica.

Os registos foram efectuados numa base de dados comum DBASE III PLUS e transferidos para o software SPSS/PC para análise estatística com realização de X<sup>2</sup>.

## 4. Resultados

### 4.1 Relação adolescentes - pais

A maioria dos adolescentes tem uma boa relação familiar, no entanto, 4,3% relacionam-se mal com o pai e 2% relaciona-se mal com a mãe (Quadro I).

QUADRO I

Relação adolescentes-pais e adolescentes-mães, segundo o sexo (%)

	Má / Péssima			Regular			Boa / Muito Boa			Não Responde		
	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total
<b>Pai</b>	3,2	5,6	4,3	22,1	25,8	23,9	71	66,9	69	3,8	1,6	2,7
<b>Mãe</b>	0,8	3,3	2	17,6	17,7	17,6	81,7	76,6	79,2	—	2,4	1

A tendência é para uma melhor relação com a mãe, especialmente na interface filho/mãe. Por outro lado, a pior interface da relação é a da filha/pai (5,6%).

Não se encontram diferenças estatisticamente significativas no relacionamento com os pais em função do sexo.

#### 4.2 Relação pais - adolescentes

A percepção da relação do pai/adolescente é melhor do que a da mãe/adolescente (Quadro II).

As mães consideram que a sua relação é pior e, comparando a interface adolescente/mãe (Quadro I), verifi-

camos que aqueles a percebem de forma mais positiva.

Por outro lado, os adolescentes têm da relação com os pais uma pior percepção do que estes. Não existe associação estatisticamente significativa entre sexo e diferenças na relação pais/filhos(as) e mães/filhos(as).

#### 4.3 Compreensão adolescentes - pais

A compreensão das adolescentes com o pai é pior do que com a mãe, especialmente na interface pai/filha (Quadro III).

QUADRO II

Relação pais-adolescentes e mães-adolescentes, segundo o sexo (%).

	Má / Péssima			Regular			Boa / Muito Boa			Não Responde		
	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total
<b>Pai</b>	2,3	0,8	1,6	18,3	12,1	15,3	67,2	70,2	68,6	12,2	16,9	14,5
<b>Mãe</b>	1,5	4	2,7	32,1	24,2	28,2	61,8	64,5	63,1	4,6	7,3	5,9

QUADRO III

Compreensão adolescentes-pais e adolescentes-mães, segundo o sexo (%)

	Má			Regular			Boa			Não Responde		
	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total
<b>Pai</b>	4,6	8,9	6,7	49,6	61,3	55,3	42	27,4	34,9	3,8	2,4	3,1
<b>Mãe</b>	0,8	4	2,4	49,6	47,6	47,8	50,4	45,2	47,8	0,8	3,2	2

Os adolescentes do sexo masculino sentem-se mais compreendidos pelos pais e especialmente pelas mães (Quadro III).

Comparando com o estudo do IED, verificamos em ambos os estudos que é com a mãe que os (as) adolescentes percebem uma melhor compreensão (Quadro IV).

Encontram-se, no entanto, diferenças a nível da compreensão.

No nosso estudo, a maioria dos adolescentes manifesta uma compreensão mais regular com os seus pais (55,3%) e mães (47,8%).

#### 4.4 Compreensão pais - adolescentes

A compreensão dos pais e mães com os adolescentes é percebida de forma diferente.

QUADRO IV

Compreensão adolescentes/pais e mães  
Comparação entre o nosso estudo e o do IED (%)

	Má		Regular		Boa	
	Fabião	IED	Fabião	IED	Fabião	IED
<b>Pai</b>	6,7	8,7	55,3	37,8	34,9	53,1
<b>Mãe</b>	2,7	3,3	47,8	28,8	47,8	67

QUADRO V

Compreensão pais-adolescentes e mães-adolescentes, segundo o sexo (%)

	Má			Regular			Boa / Muito Boa			Não Responde		
	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total
<b>Pai</b>	4,6	2,4	3,5	32,1	25	28,6	51,1	55,6	52,3	12,2	16,9	14,5
<b>Mãe</b>	5,3	4,8	5,1	41,2	38,7	40	48,9	49,2	49	4,6	7,3	5,9

Os resultados nas interfaces mãe-adolescente (Quadro V) e adolescente-mãe (Quadro III) apresentam valores semelhantes; contudo, as mães manifestam uma pior compreensão para com os filhos (5,3%) do que estes referem (0,8%).

Ao compararmos a relação, entendendo que esta está ligada a aspectos normativos da praxis, e a compreensão como envolvendo aspectos cognitivos e valorativos, concluímos que a compreensão é pior em qualquer das interfaces, sendo no entanto as diferenças entre relação e compreensão na interface adolescente/pai mais notórias.

#### 4.5 Satisfação dos adolescentes por viver com a família

A maioria dos adolescentes está satisfeita por viver com os pais e outros familiares - 82,4% (210)

O sexo masculino está mais satisfeito. No entanto, não existe associação entre sexo e diferentes níveis de satisfação.

Os dados do nosso estudo, são sensivelmente iguais aos então encontrados pelo I. E. D., no que se refere ao grupo etário dos 15-17 anos.

#### 4.6 Índice de satisfação relacional familiar dos adolescentes

Este indicador teve como base a relação compreensão e gosto por viver em família e dá-nos uma imagem da satisfação relacional em família dos adolescentes (Quadro VII).

QUADRO VI

Satisfação por viver em família - comparação do nosso estudo e do IED (%)

	Fabião			I.E.D. (15-17) anos
	Masc.	Fem.	Total	Total
Gostas viver c/ Pais e outros familiares	84	80,6	82,4	83,5
Não te importas	10,7	8,1	9,4	7,0
Preferias viver com amigos	3,1	7,3	5,1	5,9
Sairás de casa na 1. <sup>a</sup> oportunidade	2,3	4	3,1	2,9

QUADRO VII

Satisfação relacional na família %

	Muito			Pouco			Nada			Não Responde		
	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total
<b>Pai</b>	67,9	64,5	66,3	26,7	26,6	26,7	0,8	7,3	3,9	4,6	1,6	3,1
<b>Mãe</b>	78,6	71	74,9	19,8	24,2	22	1,5	2,4	2	—	2,4	1,2

Os(as) adolescentes sentem-se mais satisfeitos com a relação familiar com a mãe.

As adolescentes têm maior insatisfação na relação

familiar, muito especialmente com os pais (7,3%), verificando-se diferenças significativas em função do sexo  $X^2 = 5,88$  ( $p < 0,05$ , 1g.l.).

#### 4.7 Abertura relacional

##### Relação dos pais com os amigos dos filhos

Das respostas dos adolescentes, concluiu-se terem as suas famílias abertura relacional com os seus amigos. Assim, 65,5% (167) dos pais gostam dos amigos dos seus filhos (Quadro VIII).

Comparando o nosso estudo com os resultados do estudo do I. E. D., verifica-se que a abertura relacional é menor, havendo um maior distanciamento reflectido numa certa indiferença em relação aos pares dos seus filhos(as).

#### 4.8 Áreas de convivialidade

Os adolescentes mantêm um tipo de relacionamento (Quadro IX) privilegiado com os amigos. É com os amigos que mais estão nos tempos livres, é com eles que mais conversam, se divertem e é ainda com eles que mais opiniões compartilham e mais se sentem à vontade. Com os pais, os adolescentes aconselham-se nas decisões que tomam e pedem apoio nos seus problemas.

De acordo com a tipologia de Conde <sup>(13)</sup>, em que considera três áreas: expansiva ou ociosa (com quem estás mais nos tempos livres, te divertes mais), de comunicação - afectividade (conversa mais, mais opiniões em comum, te sentes mais à vontade) e de ligação ao futuro e às decisões (quem te apoia nos problemas e aconselha nas decisões), podemos observar no nosso estudo (Quadro X), que nas áreas «expansiva ou ociosa» e de «comunicação - afectividade» sobressaem as relações com os amigos e, na área de «ligação ao futuro e às decisões», as relações com os pais.

#### 4.9 Uso dos tempos livres

Utilizámos o plano de codificação de Lalive d'Epiny <sup>(14)</sup> e verificamos que:

– Nos adolescentes do estudo predomina o desejo de interacção ou sociabilidade, pois os tempos livres domésticos comunitários - receber amigos em casa, ser convidado para casa de amigos, jogar cartas, xadrez, damas, bilhar, para além de representarem a 1.ª opção de uso dos tempos livres - 43,9%, assumem 80,4% em relação às outras opções.

– A procura de informação, nos tempos livres domésticos receptivos - ver TV, ouvir música, rádio e ler, figuram no segundo lugar do somatório das opções - 31,3%.

– A procura de expressividade assume um terceiro plano das opções: primeiramente a expressão ao ar livre: andar de moto, a pé, praia, campismo, caça, pesca e piquenique - 25% no somatório das opções, seguido da expressão desportiva: natação, ginástica, atletismo, desporto de equipa, náutica e equitação - 20,8%.

– Os tempos livres de sociabilidade urbana, como os bares, pubs e discotecas assumem 15,7% das opções, facto também relacionado com a multiplicidade destes estabelecimentos a nível local.

Pensando na partilha dos tempos livres e nos pares, à excepção dos tempos livres domésticos expressivos (computadores, jogar máquinas, escrever, fazer bricolage), dos de abandono (não fazer nada) e dos receptivos, todos implicam a convivialidade.

QUADRO VIII

Relação dos pais com os amigos dos filhos. Comparação do nosso estudo e do IED (%)

	Fabião	I.E.D. (15-17) anos
Gostam dos amigos	65,5	75,2
Toleram-nos	18,4	12,6
Não gostam	3,5	2,2
Não se preocupam com isso	12,5	8,5

QUADRO IX

Pessoas com quem os jovens mais se dão (%)

Tipo de Relacionamento	Pai	Mãe	Irmãos	Nam.	Amigos	Colegas	Prof.	Outros Famil.	Ninguém	N/R
Com quem estás mais nos tempos livres	12,5	9,8	2,4	9,8	51,7	11,8	0	0,8	1,2	-
Te divertes mais	2,4	1,5	3,5	6,7	76,9	7,5	0	0,8	-	0,8
Conversas mais	9,4	23,9	7,1	7,1	46,3	3,5	0	2,4	-	-
Mais opiniões em comum	14,9	18,0	5,5	5,9	50,6	3,1	0	1,5	-	0,4
Te sentes mais à vontade	15,7	23,1	5,9	8,2	43,9	1,2	0	2	-	-
Quem te apoia mais nos teus problemas	36,9	35,3	3,9	5,1	14,5	0,8	0	2,3	0,8	-
Quem te aconselha mais nas decisões	36,9	39,2	6,7	2,7	11	0,4	0	2,4	0,8	-

QUADRO X  
Áreas de convivialidade encontradas no nosso estudo e do I.C.S. (%)

Pessoas com quem os Adolescentes se dão	Área Expansiva ou ociosa Fabião		Área da Comunicação Afectividade Fabião		Área do Futuro Fabião	
		ICS		ICS		ICS
Pai	7,5	1,0	13,3	2,9	36,9	14,9
Mãe	5,65	3,3	21,6	7,0	37,2	2,5
Irmãos	2,95	4,0	6,2	6,2	5,3	4,1
Namorado/a	8,25	27,9	7,1	30,7	3,9	26,8
Amigos	6,4	55,5	45,9	44,8	12,8	20
Colegas	9,25	4,1	3,2	3,3	0,6	1,9
Outros Familiares	0,4		1,6		2,6	
Professor	0		0		0	4,4
Ninguém	0,6	0,8	-	1,6	0,8	1,6
N/R	-	1,3	0,13	1,7	-	1,6

QUADRO XI  
Usos dos «tempos livres» dos adolescentes (%)

	1.ª Opção	2.ª Opção	3.ª Opção
Tempos livres domésticos comunitários	43,9	22	14,5
Tempos livres domésticos expressivos	0,8	1,6	1,2
Tempos livres de abandono	1,2	2,4	3,5
Tempos livres domésticos receptivos	3,9	12,5	14,9
Tempos livres de sociabilidade local	1,2	2	1,6
Tempos livres de sociabilidade urbana	5,5	4,3	5,9
Tempos livres de expressão artística	4,7	2	0,4
Tempos livres de expressão desportiva	8,2	6,3	6,3
Tempos livres de expressão «ao ar livre»	7,8	8,2	9,0
Tempos livres espectaculares de participação expressiva	0,4	1,6	0,4
Tempos livres espectaculares informativos	0,4	-	0,4

## 5. Discussão e Conclusões

O presente estudo tem no entanto as suas limitações decorrentes de ser um estudo transversal. No entanto ao elaborarmos o questionário que foi pré-testado noutra local, assegurou-se o anonimato, privacidade e confidencialidade, ajuizando a consistência das respostas através da repetição de algumas perguntas e tentou-se minimizar o enviesamento pela positiva que muitos destes questionários apresentam, dado serem apenas dois os entrevistadores.

No nosso estudo a relação familiar é melhor do que a compreensão e os adolescentes relacionam-se preferencialmente com a mãe, sentindo-se mais compreendidos

por ela e têm com ela uma maior satisfação relacional familiar. As adolescentes têm significativamente pior satisfação relacional familiar. Quanto aos pais a maioria dos pais gosta dos amigos dos filhos.

Ao compararmos com estudos nacionais do IED<sup>(15)</sup> e do ICS<sup>(16)</sup>, verificamos que a mãe ocupa um lugar importante como polo de compreensão na família, verificando-se no entanto um maior distanciamento/indiferença em relação aos amigos dos filhos.

Na população adolescente do estudo predomina o desejo de interacção ou sociabilidade.

A relação é privilegiada com os amigos; no entanto é com os pais/mães que mais se aconselham e a quem mais pedem apoio.

Os amigos, tal como no estudo do ICS <sup>(16)</sup>, ocupam um lugar importante na vida dos adolescentes. As diferenças em relação àquele estudo, provavelmente têm a ver com o grupo etário dos 15-17 anos representar apenas 31,3% das classes etárias do mesmo, tendo a família, nas áreas de ligação ao futuro e às decisões um papel preponderante. Será pelo factor idade, ou será tal como Stoetzel <sup>(17)</sup> refere que a família é cada vez mais encarada como lugar de refúgio?

A ocupação dos tempos livres e a significação do lazer não se podem dissociar da condição social dos jovens e das situações sociais específicas da vida quotidiana, isto é, estrutura social e vida quotidiana vêm preservada a sua hierarquia no domínio dos tempos livres e de lazer <sup>(18)</sup>.

Machado Pais <sup>(18)</sup> referindo Wilensky, propõe dois modelos distintos na análise dos tempos livres: o «spillover» e o «compensatory leisure». O modelo Spillover enfatiza os efeitos dos domínios que não respeitam aos tempos livres. Por exemplo, as privações sentidas no trabalho ou na escola seriam reproduzidas no domínio das actividades dos tempos livres; o contacto com um trabalho alienante arrastaria a prática de um lazer passivo, sedentário. O modelo «compensatory leisure» admite que os tempos livres podem funcionar como compreensão das privações sentidas no trabalho ou escola.

Pensando no 1.º modelo poderíamos reflectir quanto à hipótese de baixo índice de penetração da actividade desportiva e do grande peso das actividades passivas do lazer terem a ver com a «alienação» na escola e/ou trabalho.

## BIBLIOGRAFIA

1. FLEMING M: A separação adolescente-progenitores in *Alter/Ego* (1). Lisboa: Edições Salamandra 1986: 29-39.
2. FREUD S: Family Romances. London: Standar Edition 1909.
3. DIAS CORDEIRO J: Os adolescentes por dentro. Lisboa: Edições Salamandra.
4. SPITZ R: No and Yes. New york: Universities Press 1957.
5. DIATKINE R: La Psycanalyse précoce. Paris: P. U. F. 1972.
6. ABERASTURY A: A adolescência. Porto Alegre: Editora Artes Médicas 1980.
7. BLOS P: Adolescência - Uma Interpretação Psicanalítica. São Paulo: Martins Forte 1985.
8. MORIN E: Le paradigme perdu de la nature humaine. Paris: Seuil 1974.
9. BARÃO H: Democratização das Relações Familiares in *Desenvolvimento número especial Maio, Os jovens e nós*. Lisboa: IED 1986: 93-100.
10. FLAMERT C: Les processus de communication in P. Fraisse e J. Piaget Eds. *Traité de Psychologie Experimentale, IX Psychologie Sociale*. Paris: PUF 1969: 177-222.
11. LUCAS EM: Influências de los adultos en sus relaciones con los niños dentro de una salud mentalmente sana. *Revista Internacional de Sociología* 1989; 47: Fasc. 2 273-283.
12. BION WR: Elements of psychoanalysis. London: Medical Books Lda 1963.
13. CONDE F: Las relaciones personales y familiares de los jovenes. Madrid: Informe Juventude en España. Ministério de Cultura. Instituto de la Juventude 1985.
14. D'EPINAY L: Temps libre. Culture de masse et cultures des classes aujourd'hui. Lausanne: Editions Pierre Marcel - Frave 1983.
15. X CONFERÊNCIA SOBRE SITUAÇÕES, PROBLEMAS E PERSPECTIVAS DA JUVENTUDE EM PORTUGAL: Inquérito IED - Valores e atitude dos jovens. Lisboa: Fundação Kalouste Gulbenkian 1983.
16. ICS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA, INSTITUTO DA JUVENTUDE: Juventude Portuguesa - Problemas - Aspirações. I - Resultados Globais. Lisboa: publicação do Instituto da Juventude 1989.
17. STOETZEL J: Les valeurs du temps présent - une enquête européenne. Paris: Presses Universitaires de France 1983.
18. MACHADO PAIS J: Juventude Portuguesa: situações, problemas, aspirações V - uso do tempo e espaços de lazer. Instituto da Juventude, ICS da Universidade de Lisboa 1989.

*Correspondência:* Estela Fabião  
Centro de Saúde do Cartaxo  
Rua do Progresso  
2070 Cartaxo